

SÁBADO, SETEMBRO 30, 2006

## A Oitava Cor do Arco-Íris



É um alívio imenso ver um filme brasileiro contemporâneo que não pareça uma atualização cinematográfica da velha literatura de Aluísio Azevedo e de Émile Zola. Ou seja, um filme nacional que não apresente, numa chave tão contundente que beire o exagero sádico, a miséria material e psíquica, a violência, a ditadura militar, e outras chagas típicas do nosso país. Melhor ainda seria um filme que ignorasse completamente esses temas.

Ainda estou esperando a produção tupiniquim pós-retomada que envolva exclusivamente um drama psicológico urbano com ares universalizantes (se essa fita já existe e eu não conheço, por favor, alguém me aponte). Entretanto, um filme assim dificilmente seria considerado no estrangeiro, pois o preconceito de muitos impede que acreditem que sejamos capazes de produzir tragédias “shakespearianas”. Seria uma audácia o Brasil começar a falar como gente grande, madura e civilizada, em uma narrativa que pudesse suceder em qualquer grande metrópole do primeiro mundo. Assim, o que as platéias e crítica do exterior exigem de nós são **amostras do subdesenvolvimento**, apenas isso. Um filme nacional poderia até apontar na direção que eu sugeri no parágrafo anterior,

mas ele não poderia prescindir – em algum momento que seja – da **cor local**, isto é, de algum elemento reconhecível dos “problemas sociais” brasileiros. Isso revela o quanto domina, no estrangeiro, a mentalidade do *colonizador* (para a qual nós devemos nos colocar no “nosso lugar”, ou seja, falando como nação subdesenvolvida nas diversas manifestações culturais, dentre elas o cinema). Se nós obedecermos a esse imperativo, estaremos perpetuando a mentalidade do *colonizado*; desse modo, o ciclo se fechará.

É claro que é importante o nosso cinema tratar de questões que mais urgem à nossa atenção, reflexão e ação social; e há muitas conquistas importantes nesse terreno nos filmes pós-retomada. Por exemplo, as chocantes contradições provocadas pela profunda desigualdade social e a ditadura militar, trauma recente ainda longe de ser completamente processado e superado. Contudo, há tantos filmes assim, que a coisa acaba se naturalizando demais e virando como que um princípio temático e estético, algo que nós confundimos com a nossa própria identidade, definindo-nos como indivíduos e como nação. Esse é o perigo. Perigo que também (e principalmente) sofreu a literatura nacional do século XIX. Porém, a “cor local” que então se enxergava e exigia de nossas expressões artísticas e culturais pertencia a uma base “positiva”: o exótico e a beleza exuberante e específica de nossa natureza, de nosso índio, de nossa cultura popular. Românticos estrangeiros como Ferdinand Denis (autor de diversas pinturas paisagísticas sobre nossa terra) fizeram muito por espalhar essa noção de identidade brasileira, e românticos locais como Gonçalves Dias (poeta) e José de Alencar (romancista) assimilaram e assumiram isso como razão de alto patriotismo.

Por isso, Machado de Assis, que revolucionou a nossa literatura, pois ele não queria saber de tal “macumba para estrangeiro”, foi muito criticado à sua época, acusado de não mostrar a “cor local”. Não me surpreenderia se esse mesmo tipo de crítica fosse feita (aqui ou lá fora) a determinado filme (o qual, repito, acredito que não exista). **Falta um Machado de Assis no nosso cinema, alguém que o renove tanto quanto o mulato gago e epiléptico do Cosme Velho renovou nossa arte literária; os filmes nacionais encontram-se numa situação tão sem saída quanto os romances no final do nosso Romantismo. Cadê “o bruxo”?**

O filme *A Oitava Cor do Arco-Íris* (Brasil, 2004) não traz essa renovação, e nem devemos esperar que traga. Mas a produção tem o seu valor. Não apresenta a “cor local” moderna (a ênfase contundente na miséria e na violência), mas embeleza-se da “cor local” tradicional (paisagens do Mato Grosso, pontos turísticos de Cuiabá, um povo simples e simpático). Temos aqui o primeiro longa-metragem inteiramente produzido no Mato Grosso, dirigido pelo estreado em

longas Amauri Tangará. Apesar dos seus defeitos, se cada estado produzisse um longa por ano, o cinema brasileiro atingiria outro patamar.

A intriga concentra-se no garoto Joãozinho, de 11 anos, órfão de pais e que mora com a avó. Preocupado com a saúde debilitada dela, ele toma a sua última posse que tem algum valor – uma cabrita preta magricela, chamada Mocinha – e a leva até Cuiabá, para tentar vendê-la e comprar os remédios de que a avó necessita. O filme se pauta na visão ingênua de Joãozinho (por que devemos carregar de conotação pejorativa o vocábulo “ingenuidade”? Esqueçamos um pouco Voltaire e qualifiquemos a mentalidade de Joãozinho – e a do próprio filme – como **pura**): ele não sabe sequer quais são os remédios que deve comprar, nem o quanto custam.

É dessa ingenui... ops! *pureza* que o filme retira a sua energia e valor. Dentro do quadro que pintamos anteriormente, isso é raro no cinema brasileiro contemporâneo (a não ser, é claro, que falemos daquela “ingenuidade” comum em comédias e histórias de amor urbanas que apenas mascara um discurso alienante de propósito comercial).

(continua no *post* abaixo)

---

posted by Andros Renatus | [18:21](#) | [0 comments](#) [links to this post](#)

## Continuação de A Oitava Cor do Arco-Íris



(continuação do *post* acima)

Podemos falar de uma espécie de filmes que mostram personagens vagando meio perdidos por uma cidade, geralmente em busca de algo; uma espécie de “road movies urbanos” ou “street movies” (que horror!). Enfim, filmes como *Ladrões de Bicicleta* (Itália, 1948, Vittorio deSica), *Irreversível* (França, 2002, Gaspar Noé) e este *A Oitava Cor do Arco-Íris* têm, com certeza, algo em comum, no meio de todas as diferenças.

*A Oitava Cor do Arco-Íris* é um filme de que Cesare Zavattini talvez gostasse. Assim como no Neo-Realismo italiano, temos aqui uma visão humanista e emotiva da população carente, embora o lado ruim das coisas seja mostrado com menos gravidade e mais singeleza nesta película mato-grossense, em comparação com *Ladrões de Bicicleta*, por exemplo.

A singeleza do filme de Tangará é algo que salta aos olhos e aos ouvidos (na trilha sonora e diálogos). Os pobres que desfilam na tela poderiam ser de qualquer parte do mundo – inclusive nos países “desenvolvidos”. O problema da pobreza aqui é tratado de modo geral e superficial (sem que vá qualquer conotação pejorativa nesse termo). O filme não mostra como tese uma pobreza especificamente brasileira; a pobreza é universal, onde quer que haja pessoas carentes e abandonadas. A avó Vidinha, que nas suas orações lamenta não ter mais o que vender para se sustentar, e o neto Joãozinho, que tenta arduamente vender a cabrita – e até conseguiria fazê-lo sem grandes dificuldades – mas não tem sucesso porque está muito apegado a ela, à Mocinha, que é a última posse que resta, posse animal e de estimação, ainda por cima... tudo isso é profundo no sentido universal, e comvente.

Tanta emoção, é lógico, pode ser negativo. Assim como no Neo-Realismo italiano, *A Oitava Cor...* é melodramático em alguns momentos (como na linha musical condescendente que sempre acompanha o garoto Joãozinho – isso chega a ser cansativo). A

**interpretação dos atores (todos desconhecidos para nós) é meio dura, meio decorada, meio teatral (aliás, um defeito comum no cinema brasileiro), porém, simpática. De resto, o filme é bem realizado e esquemático (falo da trilha sonora “caipira” para os cenários rurais e o “rock and roll” de guitarras distorcidas para o ambiente urbano).**

**Mas tais defeitos não nos fazem esquecer as qualidades. Joãozinho, em suas aventuras urbanas na capital mato-grossense, lida com os mais variados tipos de situações e de pessoas: uns lhe são benevolentes, alguns o desprezam e outros (por que não?) lhe fazem crueldades. O interessante é que a realidade da vida e do mundo é representada da maneira mais abrangente – por isso, mais “realista”: inclui a bondade, a maldade e a indiferença. Amauri Tangará, que também assina o roteiro, revela-se bem maduro nessa visão. O que põe no chinelo filmes e obras literárias que defendem a visão mais pessimista da realidade, mostrando apenas os seus aspectos mais negativos, e ainda pretendem ser “realistas”. Que realismo é esse? Para mim, não passa de uma desculpa para o sadismo orgíaco de alguns artistas.**

**Todos nós conhecemos o Neo-Realismo (que é bem diferente do Realismo literário do século XIX de Gustave Flaubert e Honoré de Balzac). Mas acho que já é hora de falarmos de um Neo-Naturalismo (esse sim, idêntico ao literário, à lá Zola), que assola particularmente os filmes nacionais. Sob a justificativa de mostrarem a realidade nua e crua, filmes como *Amarelo Manga* (Brasil, 2003) não passam de um catecismo à base de Nietzsche e Sartre. Com isso, não seria surpreendente se a intelectualidade materialista / marxista / existencialista / niilista dos grandes centros urbanos desprezasse *A Oitava Cor do Arco-Íris*. Para tais cabeças pensantes, modernas e sofisticadas, o “naif” do filme seria algo detestável ou simplesmente desprezível, não-concorrente para que se dê valor “sério” a uma obra. Mas as inteligências desarmadas e as sensibilidades sem malícia saberão apreciar a obra de Tangará.**

**Uma situação que é significativa: no “Clube do Professor” do Unibanco Arteplex em São Paulo (uma sessão semanal, exclusiva e gratuita, para a classe docente), os ingressos para o filme *Eu me Lembro* (que também está estreando e que, a julgar pela sinopse, é bem mais “crítico” do que a obra que estamos discutindo, e ainda envolve a ditadura militar) se esgotaram muito antes de *A Oitava Cor...* . Seria um sinal de como as platéias urbanas intelectualizadas do Sudeste receberão o primeiro longa mato-grossense? Não me surpreenderia se fosse um fracasso total de bilheteria.**

**Deixo como surpresa, para quem for assistir ao filme, a explicação do título. Mas o fato é: a oitava cor do arco-íris é justamente aquela que as pessoas grandes e orgulhosas não vêem, mas os pequenos e os humildes sabem muito bem qual é.**